

Reflexões a respeito da abordagem do texto literário em aula de Francês Língua Estrangeira (FLE)

Josilene Pinheiro Mariz¹ (UFCG)

Resumo:

Este trabalho tem o objetivo de apresentar a leitura prazerosa do texto literário como uma necessidade inerente ao homem, não apenas pelo fato de a leitura ser uma atividade iminentemente humana, mas também pelo fato de o texto literário, por ser um texto de ficção, favorecer múltiplas experiências. Por tais motivos, são expostas reflexões sobre a utilização do texto literário em aula de língua estrangeira e, neste caso, o FLE. Ponderações a respeito da trajetória do trabalho em sala de aula com este tipo de texto são necessárias para que se entenda a histórica separação entre o ensino de língua estrangeira e a literatura e, assim, se pensar em mudanças que redundem na melhor formação de futuros professores.

Palavras-chave: literatura, ensino; FLE.

Abstract:

This work has the objective of presenting the literary text reading for pleasure as a need for people in general, not only for the fact that reading is an imminently human activity, but also for the fact that, for being fiction, the literary text favors multiple experiences. This is one of the most important reasons for such a reflection on the use of the literary text in foreign language classes and, in this case, FFL classes. Analysis on the development of this way of teaching is necessary in order to understand the historical separation between foreign language teaching and literature. Such a reflection is also important to present changes that result in a better teaching formation in the future.

Keywords: literature, teaching; FFL.

Introdução

Ensinar literatura, ensinar língua estrangeira ou ensinar literatura em contexto de língua estrangeira? Como fazer o aluno gostar de ler texto literário? Esses são questionamentos comuns entre os professores de literatura estrangeira, uma vez que é sabido de todos que a própria literatura, por sua literariedade, apresenta-se, comumente, como uma língua estrangeira. Mesmo em língua materna, por vezes, o leitor depara-se com um texto cujo conteúdo parece não fazer sentido, dada a sua riqueza polissêmica.

Na realidade, em qualquer texto numa língua estrangeira, a construção de sentidos é custosa de se organizar, pois o código é diferente, os referenciais não são os mesmos da língua materna e, destaque-se que, também entram elementos culturais, por vezes desconhecidos do leitor. É necessário, portanto, que se tenha um relativo conhecimento da língua alvo para que ocorra a compreensão na língua estrangeira em estudo.

Portanto, ao se reunir as duas realidades: ensino de literatura e ensino de língua estrangeira passa-se a ter assunto para constantes reflexões sobre qual deve ser a melhor abordagem da literatura estrangeira em contexto *exolingue*. Alguns questionamentos mais recorrentes entre especialistas da área são, por exemplo, o que devemos ensinar ou como o conteúdo deve ser trabalhado?

É necessário que se leve em conta que o texto literário não é apenas um conjunto de palavras, com certa conotação, organizadas em torno de um assunto, caracterizando o estilo do escritor e que, por diversas situações, afasta o leitor. Questões relacionadas ao estilo, bem como neologismos e / ou elementos sintático-gramaticais são, muito provavelmente, os maiores responsáveis por essa visão de uma literatura distante do real, mesmo para os falantes nativos.

Gilles Deleuze, filósofo francês, esclarece o porquê de o texto literário carecer de uma outra percepção. Para ele, esse gênero deve ser visto por outro ângulo e merece, portanto, especial atenção sob a ótica de professores e demais interessados em

debater o tema, Deleuze afirma que “literatura tem, por si própria, uma característica de língua estrangeira, operando um tipo de decomposição da língua materna na construção de um tornar-se outro” (DELEUZE, 1993, p. 15).

Destaque-se que quem aprende uma língua estrangeira aprende a descobrir uma outra via, uma outra forma de conhecer o mundo e pratica, por assim dizer, um verdadeiro exercício de alteridade; pois, muitas questões envolvem este tipo de aprendizado como: a organização dos campos lexicais, os modos de estruturação das categorias gramaticais e ainda o fato de que as relações tempo e espaço podem mudar o olhar sobre si mesmo e sobre a sua língua materna, logo, sobre a sua própria história.

Portanto, quando a aprendizagem de uma língua estrangeira é associada à ficção literária, as experiências podem ser divididas em sala de aula, permitindo, de fato, uma nova visão de si e do mundo, esse seria então um dos principais objetivos dessa abordagem não dicotomizada, uma vez que, esse contato pode favorecer uma mudança de atitude diante da vida.

Assim, passamos a fazer algumas considerações sobre o que é literatura nos nossos dias: “qu’est-ce que la littérature?” e “qu’est-ce que n’en est pas”? Primeiramente, a definição estaria, etimologicamente, relacionada à palavra latina que quer dizer escrita, daí uma tradicional idéia de erudição, de cultura geral, uma vez que tem origem no latim, o que não raras vezes ainda distancia o leitor do texto, talvez por que esse seja um pensamento inconsciente compartilhado por alunos e professores.

Em seguida, tem-se a questão da evolução desse conceito, o que historicamente estava ligado à erudição, à noção de “homem das letras” passa a ser idealizado como um conjunto de obras relacionadas ao estético, ao belo, ao eloquente. Essa idéia permaneceu desde o século XVIII, com o advento do Século das Luzes, até meados do século XX, quando se ampliou essa noção, chegando mesmo a desviar do sentido original (NATUREL, 1995, p. 7). Entretanto, faz-se necessário lembrar que a partir do final da Idade Média, quando a Língua francesa passou a ser considerada língua Nacional e, sobretudo, no século XVI com o advento dos Humanistas, Homens de



Letras, a produção literária estava voltada para uma classe muito mais aristocrática ou mesmo burguesa. Essa visão clássica da literatura ligada à língua ficou registrada no discurso de Joaquin Du Bellay: *Défense et l'Illustration de la langue française* (1549).

Qual a função da literatura hoje? Para quê eu devo aprendê-la? São perguntas ouvidas no cotidiano da sala de aula e, em especial, de línguas estrangeiras. Mesmo nos cursos de licenciatura em letras, isto é, de formação de futuros professores, essa questão parece ser pouco discutida; são poucos, por exemplo, os estágios de formação em literatura estrangeira. Seria por que não há uma objetividade nesse ensino (ARMAND, 1993)? Os alunos se perguntam constantemente: onde vou dar aulas de literatura estrangeira? Ou ainda afirmam: se não vou dar aulas de literatura estrangeira, não careço desses conhecimentos?

Por isso, é preciso sempre se buscar o ponto de partida: literatura / letra, ouvir, ler, escrever, discutir. Com essa atitude, o professor poderá transformar a aula em um momento prazeroso de leitura e debate. O texto literário pode ser um caminho especial para provocar no aluno o interesse pela cultura e pelas relações interculturais entre a sua cultura e aquela que estuda. Não se pode deixar de considerar que esse gênero pode ser uma possibilidade de aprimorar questões de origem lingüística, como o léxico ou a gramática, desde que não seja utilizada como pretexto para se estudar tais elementos. Essas questões são, provavelmente, em línguas estrangeiras, as mais motivadoras do desenvolvimento do ensino da literatura em língua estrangeira.

Assim, busca-se, nestas 'Reflexões a respeito da abordagem do texto literário em aula de Francês Língua Estrangeira (FLE)', destacar que apesar de o foco estar na língua e na literatura francesas, todas as ponderações aqui expostas alcançam toda e qualquer outra literatura ensinada no âmbito de língua estrangeira. Será feito, inicialmente, um breve percurso histórico da evolução do ensino da literatura e em seguida serão apresentadas algumas possibilidades de se trabalhar o texto literário em nosso contexto e ainda quais as vias de facilitar o acesso ao texto.

Assim, pretende-se, a partir de uma vivência de sala de aula, instigar nos atores do processo de ensino / aprendizagem de uma língua estrangeira o interesse em se

questionar cotidianamente sobre o seu papel nesse percurso. Também é necessário provocar questionamentos sobre o que se pode fazer para que a atividade de ensinar e aprender uma literatura em outra língua seja, de fato, um constante exercício de respeito ao outro e, particularmente, de respeito a si mesmo.

Uma visão viacrônica do ensino da literatura de língua francesa: noções de língua, literatura, cultura e civilização.

O ensino da literatura francesa em língua estrangeira tem sua origem no ensino da língua francesa na própria França. Por essa razão, metodologias para o ensino de línguas surgiram objetivando sistematizar o ensino dessa língua, bem como de sua literatura fora do eixo hexagonal. Neste percurso histórico, se mostrará como o ensino da literatura se deu através dos anos e porque, ainda nos nossos dias, essa é uma questão que provoca bastante discussão. Sabe-se, por exemplo, que a flutuação entre os conceitos de língua, literatura, cultura e civilização, de alguma forma, estabeleceu certa confusão a ponto de esses termos serem considerados como sinônimos.

Essas são quatro noções que sempre caminharam de maneira análoga, apesar das claras diferenças entre esses conceitos. Historicamente, o ensino de literatura francesa esteve ligado ao ensino da cultura francesa. A noção de cultura, por sua vez, tem estreita relação com o conceito de “civilização” que por vezes assume o valor sinônimo de cultura.

Em um período colonialista, países da Europa ocidental denominaram sua própria cultura como superior, já que se consideravam povos mais evoluídos que os outros e por isso, consideravam-se “civilizados” (COMPAGNON, 2004, p.32). Na Alemanha, na Inglaterra, na Itália e na França o termo cultura, sempre esteve associado a uma elite cultural aristocrática. É, portanto, nessas circunstâncias que o ensino da língua (desses países) passa a associar-se ao ensino da cultura, sinônimo natural de civilização. A “missão educadora” da França, por exemplo, não se limitou a apenas divulgar a cultura (de um povo civilizado), fez-se necessária uma política



cultural e lingüística para legitimar o valor da língua e da cultura (DE CARLO, 1998, p.25).

Toda essa virtude da língua foi desenvolvida pelo pensador francês Antoine Rivarol (1753-1801), para quem a língua francesa tem um lugar de destaque por que é, além de tudo, uma língua da razão e da clareza:

Le français nomme d'abord le sujet de la phrase, ensuite le verbe qui est l'action et enfin l'objet de cette action: voilà la logique naturelle à tous les hommes. [...] Le français, par un privilège unique, est seul resté fidèle à l'ordre direct, comme s'il était toute raison ; [...] la syntaxique française est incorruptible. C'est de là que résulte cette admirable clarté, base éternelle de notre langue. Ce qui n'est pas clair n'est pas français (RIVAROL, 1930, p. 89-90)².

A divulgação da língua, culta e racional, foi feita seguindo-se a uma sistemática anulação das línguas regionais como o patuá e outras línguas estrangeiras, nos países onde a França se instalara com a sua “missão educadora”.

Os franceses percebem então a necessidade de sistematizar o ensino de sua língua fora da França e fundam a Aliança Francesa, em 24 de janeiro de 1884, com o propósito de garantir a propagação da língua pura e cheia de virtudes em todos os continentes da terra. Em um discurso de comemoração do centenário da instituição, M. Bruézière, seu diretor, mostra que mesmo um século depois, ainda havia cuidado em se preservar a figura de um povo patriota e preocupado com o seu desenvolvimento e com a sua imagem fora do seu território.

O cuidado com o ensino dessa língua resulta, inevitavelmente, em cuidado ainda maior com o ensino da literatura, visto que ela deveria ser considerada como a essência da língua e da cultura francesa. Um pensamento tradicional sobre o ensino da literatura francesa mostra que a cultura e a língua francesa eram ensinadas pela sua excelência, como uma forma de se fazer conhecer os monumentos da tradição, as instituições e as obras-primas artísticas e literárias do país (PLOQUIN, HERMELINE e ROLLAND, 2000).

Outro exemplo desse pensamento é o *Cours de langue et civilisation françaises*, mais conhecido como *Mauger (bleu et rouge)*, um manual de ensino de língua e

civilização francesas que foi publicado em 1950 e concebido para o uso das Alianças Francesas no mundo. No prefácio, Marc Blancpain (1953, VI) explica que acredita estar oferecendo a chave de ouro a vários continentes que carecem conhecer a bela e útil língua francesa, através da sua civilização rica e moderna, que são os seus autores. Note-se ainda uma vez o ensino do francês associado às elites que conheciam essa língua através de uma literatura esplêndida, pessoas que podiam ter a “chave de ouro” do conhecimento e da cultura inerentes ao francês.

Mesmo sendo bastante criticado por especialistas, esse manual foi amplamente utilizado como apoio para o ensino de língua e literatura francesas no Brasil e no mundo. Vale ressaltar o que o especialista em FLE, J. Peytard, (1982) afirma a respeito do *Mauger* e seu papel para o ensino da literatura francesa: « Elle [‘la méthode’] n’est qu’un témoin des difficultés ou des obstacles sur lesquels vient buter l’effort de l’enseignement de littérature française » Peytard (1982, p. 92)³. Peytard acredita também que a principal importância do livro está no fato de ele ter feito um trabalho de divulgação da literatura francesa.

Ensinar literatura em ambiente *exolingue*.

Que ler um texto literário favorece uma melhor percepção do universo, amplia o conhecimento de mundo e promove o respeito mútuo, estimulando as trocas entre culturas já foi dito e acreditamos que seja fato. Mas, como fazer isso quando não se tem um ambiente favorável, como uma carga horária insuficiente associada a um vasto conteúdo e ainda alunos sem motivação? Esses fatores desestimulam o aluno; mas, a principal razão para a inacessibilidade à aula de literatura em língua estrangeira é, quase sempre, a própria língua, pois sem o conhecimento suficiente, o leitor aprendiz se depara com reais dificuldades como o acesso aos significados do texto.



No entanto, é preciso que se reflita nas palavras Paul Ricoeur, filósofo francês, para quem a literatura não pode ser vista apenas como um texto pleno de significados e por isso, de difícil apreensão de sentidos. Para ele, é na ficção literária que pode ocorrer a articulação entre a ação e o seu agente, isto é, o mundo fictício pode ser considerado como um laboratório para o leitor estimular as mais diversas experiências imaginativas.

[...] c'est dans la fiction littéraire que la jointure entre l'action et son agent se laisse le mieux appréhender, et que la littérature s'avère être un vaste laboratoire pour des expériences de pensée où cette jonction est soumise à des variations imaginatives sans nombre (RICŒUR, 1990, p.188)⁴.

Ricoeur faz esta reflexão associando texto, ação e história. E assim, mais uma vez percebe-se a importância do literário como algo essencial para a compreensão de si mesmo. Com esse pensamento, o professor precisa sempre considerar o seu papel de orientador da aprendizagem, mostrando ao aluno uma visão mais atualizada da literatura e assim, fazer o aprendiz reconhecer o valor da ficção literária para a sua realidade.

Uma das possibilidades mais pertinentes é trabalhar a disciplina dentro do seu contexto. De fato, tradicionalmente, sempre se trabalhou a literatura relacionando-a a história geral, a fatos marcantes daquele país e mesmo à história literária. Esse procedimento é visto como positivo, pois estimula o aluno a conhecer um pouco mais da história e a estudar a língua. Todavia, faz-se uma crítica ao fato de esse ensino ser priorizado em detrimento do próprio texto literário, a história pode e deve ser um elemento auxiliar para se compreender até mesmo características daquele movimento literário.

Não são poucos os exemplos da relação história e literatura, na França, por exemplo, não há como falar do Romantismo sem se tocar na questão do período pós-Revolução, ou como falar sobre Victor e a batalha da peça teatral *Hernani*, sem se lembrar do episódio conhecido como *Trois Glorieuses*. Ou como dar aulas sobre a importância do teatro inglês shakespeariano sem trazer à memória o reinado elizabetano. Isso ocorre em qualquer literatura. No Brasil, seria impossível falar do

poeta Castro Alves sem se destacar que ele foi um notável abolicionista. Ou ainda no período colonial, quando se vê claramente a relação entre a Inconfidência Mineira e o Arcadismo. Enfim, literatura e história se entrelaçam, mas, em aula de literatura, é preciso que se destaque mais o texto rico em significados. Assim, esse interesse que é despertado no aluno por meio dos fatos históricos deve ser um elemento desencadeador de uma motivação para o ensino / aprendizagem da literatura.

Em situação de ensino da literatura em língua estrangeira, os fatos históricos precisam ser aproveitados em favor do ensino da linguagem literária, fazendo-se associações e relações entre os acontecimentos de cada país, aproximando, assim, o aluno de um poema ou de qualquer outro gênero literário que caracterize aquela literatura. É necessário que o leitor-aprendiz sempre seja levado a perceber os efeitos do próprio texto, como a polissemia, a literariedade e até mesmo as relações entre os textos como a intertextualidade; isto é, ler a literatura como uma linguagem especial.

Outra possibilidade que tem despertado bastante interesse nos alunos de literatura em língua estrangeira são os textos escritos naquela língua, mas originados de outros países que não França, Inglaterra, Espanha; fato que se dá em razão da aproximação histórico-cultural. No caso particular do francês, a literatura francófona vem se revelando como um amplo espaço promotor de trocas entre as culturas (PINHEIRO-MARIZ, 2007). A noção de francofonia está ligada à reunião de países que têm o francês como língua materna, segunda, oficial ou veicular e, de um modo geral, são ex-colônias da França. Feito que ocorre com as outras línguas estrangeiras ensinadas no Brasil, podendo, por isso, acontecer semelhante interesse em se correlacionar tais literaturas.

Essas aproximações favorecem de maneira mais eficaz o exercício de alteridade. É interessante notar que a francofonia chama a atenção para um significativo número de alunos de cursos de letras francês que desejam conhecer a literatura de países de expressão francesa com o objetivo de estabelecer relações entre a cultura brasileira e a desses países, bem como enriquecer seus conhecimentos durante a sua formação (PINHEIRO-MARIZ e ISHIHARA, 2007). Essa informação nos chama especialmente a atenção, visto que os alunos esperam ter contato com uma literatura/ cultura



diferentes da deles, seja a cultura francesa, seja uma de expressão francesa. Isso não estaria acontecendo com os alunos das demais línguas estrangeiras? Daí a pergunta: « pourquoi ne pas travailler davantage la littérature des pays tropicaux africains ou des Antilles? Les caractéristiques climatiques et les conditions de ces ex-colonies ne sont-elles pas semblables aux nôtres » ?⁵. Esse exercício de respeito mútuo pode minimizar o estranhamento causado pela distância entre os alunos da literatura em língua materna e os da literatura em língua estrangeira. E pode ainda promover o respeito ao próximo e à outra cultura, estimulando o pensamento: “Não sou melhor, nem pior que o outro...!”.

Não obstante essas considerações, a questão do escasso conhecimento lingüístico dos alunos permanece como um empecilho para a aprendizagem. Se o leitor-aprendiz não consegue acessar os sentidos, como fazê-lo gostar do texto lido? Aí então, a seleção criteriosa do professor com o propósito de fazer o aluno ir, aos poucos, percebendo o que circunda o texto. E então, faz-se o seguinte questionamento: isso pode ser feito em língua materna? A resposta nos é dada por Casttelotti (2001) que discute a questão no âmbito do ensino de FLE, chamando a atenção para um uso moderado da LM na aula de LE. Segundo ela, isso deve ser feito esporadicamente, objetivando amenizar uma possível angústia do aluno, tomando-se o devido cuidado de usar a língua materna como uma estratégia para uma melhor apreensão de sentidos e não como metodologia para ensinar uma língua estrangeira. Se por um lado não podemos transformar a aula de literatura em um mar de tormento, no qual o aluno nada compreende e ainda é obrigado a responder questões cujos referenciais lhe são completamente desconhecidos, por outro lado, não devemos utilizar a sala de aula de língua estrangeira para se falar em língua materna, uma vez que trabalhamos em contexto *exolingue*.

Feitas essas observações, é necessário ainda chamar a atenção para algumas atividades que podem ser desenvolvidas em sala de aula, como a utilização de elementos paratextuais (GOLDENSTEIN, 1990 e PINHEIRO-MARIZ 2004); lembrando que o paratexto, por exemplo, que é tudo aquilo que circunda o texto, como a capa do livro, a dedicatória, uma notícia no jornal sobre aquele livro e o título

da obra são formas de construir os significados do texto literário em aula de língua. Outros elementos que, assim como a história literária, podem igualmente motivar a aprendizagem são: a tradução, uma vez que ao compreender bem o texto, o aluno será capaz de traduzi-lo, (no sentido de apreensão de sentidos) a escritura e a reescritura do texto, bem como as relações intertextuais (BOURDET, 1999, p. 365-377).

Ainda é necessário acenar com outra problemática: como trabalhar literatura em aula de língua estrangeira sem fazer desse texto apenas mais um “suporte” para o aprendizado da língua? Sabe-se que o texto literário é um documento autêntico e que foi feito para ser lido por qualquer ser humano, isto é, não tem intencionalidade pedagógica (SARTRE, 1985). Assim, alguns especialistas como Adam (1991), afirmam que os contrários a essa proposta de trabalho estão sempre questionando se “utilizar” um texto com essas características em aula de língua não seria uma maneira de enfraquecê-lo. Pois, no momento em que ele vai para a sala de aula de língua, já há um intento pedagógico. Mas, deve-se buscar o que afirma o escrito D. Pennac « On est prié (je vous supplie) de ne pas utiliser ces pages comme instrument de torture pédagogique » (1992, p.8). Acreditamos que o leitor da obra literária tem direitos imprescritíveis, como o de reler ou de emudecer o autor, no dizer de Pennac. Portanto, é necessário que se diga que a nossa abordagem visa a fazer da leitura literária uma atividade prazerosa e não um “instrumento de tortura”, já que o texto literário não deve ser apenas um suporte para a aprendizagem.

Destaque-se ainda que o mesmo texto trabalhado com alunos avançados ou em nível intermediário pode ser abordado junto aos alunos iniciantes; o que certamente merece um cuidado ainda maior já que o iniciante não tem o mesmo conhecimento lingüístico que aquele aluno que está em um nível mais avançado. Esse trabalho com alunos com pouco conhecimento do idioma estrangeiro pode ser feito em um primeiro momento na própria língua materna, estimulando o aprendiz a refletir sobre aspectos relativos ao texto como a sua literariedade, ou em uma leitura em voz alta em busca dos significados contidos no texto (ALBERT e SOUCHON, 2000). Estas seriam apenas algumas das formas de sensibilizá-lo; mas, o importante é fazer o



aprendiz reconhecer o quanto a literatura faz parte da sua vida, que é um fenômeno vivo e atual, que está nas livrarias, no cinema e até mesmo na televisão.

Trabalhar o texto literário em aula de língua é, de fato, tema de constantes debates também porque questões metodológicas e tradicionais provocaram uma separação (no transcurso dessa história) entre literatura e língua, particularmente, nos cursos de formação em Letras, como se essas duas áreas das ciências humanas fossem completamente distintas (BRAIT, 2000). Acredita-se que foi essa divisão que deixou como herança certa resistência ao trabalho unificado da literatura em aula de língua.

Considerações finais

Nestas derradeiras reflexões sobre a árdua, porém, prazerosa, tarefa de ensinar literatura em contexto *exolingue*, chamamos a atenção para que se considere que cada realidade de ensino é particular e especial, portanto, cabe ao professor escolher a melhor metodologia. O importante é que o aluno, após um semestre de curso possa ter condição de “*maîtriser*” o conteúdo, no sentido de compreender e poder, a partir daí, lidar melhor com o texto, de maneira a senti-lo como algo real e que pode fazer parte do seu dia-a-dia.

No contexto brasileiro, essa relação tem sido mais intensamente discutida nos últimos anos dez anos (PINHEIRO-MARIZ, 2007). Mas, é certamente a dicotomia alimentada pela separação didática dessas duas áreas em cursos de línguas estrangeiras e, sobretudo, nos cursos de formação de novos formadores que mais gera polêmica. Há os que temem pela banalização do texto literário, se esse for utilizado somente como recurso pedagógico e os que criticam a sua sacralização, ou seja, o pensamento que estudar literatura em aula de língua deveria ser um privilégio de estudantes de níveis mais elevados.

Um dos primeiros pontos a se destacar nesta forma de trabalho é o posicionamento do professor. Isto quer dizer que cada contexto merece um

tratamento diferenciado, dependendo do conhecimento de mundo dos agentes envolvidos nesse processo. Conhecendo a sua realidade, o professor poderá escolher o texto (e deverá fazê-lo em conjunto com os alunos) e então trabalhar nele os aspectos que ressaltem as suas qualidades, dentro das circunstâncias específicas.

Por essa razão, um dos maiores desafios do professor é fazer o aluno gostar do que estuda, além de fazê-lo aprender o conteúdo; neste caso, é necessário fazer gostar de literatura. Isso se daria de maneira a levar o aluno a descobrir a beleza e a riqueza de uma obra, para Naturel (1995), -o melhor de uma aula de literatura é quando o aprendiz afirma não ter apreciado a obra até o momento de estudá-la, afirma ainda que é preciso que se mostre a ele que a literatura faz parte do universo que o cerca, que é um fenômeno vivo (NATUREL, 1995, p.25).

No que concerne ao aluno com nível mais avançado, o desafio está em fazê-lo perceber que por ser vivo, o fenômeno literário se renova a cada leitura e que sempre o leitor terá sob os seus olhos um novo texto, mesmo que já o tenha lido, pois, o próprio leitor está a todo dia se renovando. Então, como fazer o aluno gostar de literatura?

Não é o propósito de este trabalho dar receitas que resolvam a questão, objetiva-se, tão somente, instigar os atores do processo a estarem (estarmos) sempre (re)-pensando o (nosso) cotidiano de em sala de aula. Também se buscou colocar em evidência maneiras de se trabalhar literatura considerando suas peculiaridades, permitindo-se as trocas interculturais, bem como estimular a não dicotomia entre língua e literatura. Reafirma-se, ainda, que a literatura deve ser apreciada como um elemento fundamental no ofício do professor de língua, literatura e de cultura estrangeira.

Entretanto, é necessário que se reafirme que todas as discussões aqui dispostas, assim como algumas sugestões para a abordagem do texto literário em aula de língua francesa são, tão somente, sugestões; pois o texto literário com toda a sua riqueza polissêmica impossibilita qualquer leitura monossêmica. É preciso que se afirme também que não há fórmulas para um trabalho com a literatura em aula de língua,



uma vez que, enquanto texto pleno de significados, como um céu raso e profundo, (BARTHES, 1970 e 1984) a leitura literária favorece infinitas significação. O único interesse é colaborar com essa importante discussão que é a abordagem do texto literário no ensino de uma língua estrangeira; pois, é sabido que o texto literário como gênero polissêmico, por natureza, pode mais que qualquer outro gênero textual, promover experiências imaginativas, despertar o espírito crítico, formando leitores de mundo e não apenas de textos escritos.

Referências Bibliográficas

ADAM, Jean-Michel. **Langue et littérature**. Analyses pragmatiques et textuelles. Paris: Hachette, 1991. 221p.

ALBERT, Marie-Claude.; SOUCHON, Marc. **Les textes littéraires en classe de langue**. Paris, Hachette, 2000. 190p.

ARMAND, Anne. **L'histoire littéraire. Théories et pratiques**. Paris, Bertrand - Lacoste.1993. 182p.

BARTHES, Roland. **Le bruissement de la langue**. Paris : Éditions du Seuil, 1984. 462p.

_____. **S/Z**. Paris: Seuil, 1970. 278p.

BOURDET, Jean-François. Fiction, identité, apprentissage. **ELA (Études de linguistique appliqué)**. Paris, n.155, 1999.

BRAIT, Beth. Língua e Literatura: uma falsa dicotomia. *Rev. ANPOLL*, São Paulo, n.8, p.187-206, jan./ jun. 2000.

BRUÉZIÈRE, M. ; MAUGER, G. **Cours de Langue et Civilisation Françaises 4**. Paris: Hachette, 1957.

CASTELLOTTI, Véronique. **La langue maternelle en classe de langue étrangère**. Paris : CLE international, 2005. 124p.

- COMPAGNON, Antoine. Le mot culture et son évolution. **Le Français Dans le Monde**. Paris, n. 317. 2001. p.32-36.
- DE CARLO, Maddalena. **L'interculturel**. Paris, CLE International, 1988. 126p.
- DELEUZE, Gilles. **Critique et clinique**. Éd. Minuit. Paris, 1993. 171p.
- DU BELLAY, Joachin. **Défense et l'illustration de la langue française** (1549). Paris, Nelson, 1936 [complété par l'édition Louis Humbert chez Garnier]
- GOLDENSTEIN, Jean-Pierre. **Entrées en littérature**. Paris, Hachette - FLE. 1990.
- NATUREL, Mireille. **Pour la littérature**. Clé-International. Paris, 1995. 176p.
- PENNAC, Daniel. **Comme un roman**. Paris: Gallimard, 1992. 198p.
- PEYTARD, Jean. Sémiotique du texte littéraire et didactique du FLE. **ELA (Études de linguistique appliquée)**. Paris, n. 45, p.91-103, 1982.
- PINHEIRO-MARIZ, Josilene. *Le Troisième A*, de Michel Tournier: um texto literário em aula de Francês Língua Estrangeira (FLE). **Letra Viva**. João Pessoa – Idéia , 2004 , v.6, n.1 p. 117-130.
- PINHEIRO-MARIZ, Josilene. **O texto literário em aula de Francês Língua Estrangeira (FLE)**. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas / USP. 2007. 285p.
<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8146/tde-05052008-114942>.
- PINHEIRO-MARIZ, Josilene; ISHIHARA, Tokiko. L'enseignement de la littérature en classe de FLE dans un contexte exolingue. **Letra Viva**. João Pessoa. UFPB, v.Ed esp, 2007, p. 73-84.
- PLOQUIN, F. ; HERMELINE, L. ; ROLLAND, D. **Littérature Française. Les textes essentiels**. Paris: Hachette/ FLE, 2000. 79p.
- RICŒUR, Paul. **La métaphore vive**. Paris, Le Seuil., 1993. 413p.
- RIVAROL, Antoine. **De l'universalité de la langue française**. Paris; Toulouse : H. Didier: Ed. Privat, 1930. 318p.



SARTRE, Jean.-Paul. **Qu'est-ce que la littérature**. Gallimard. Paris. 1985. 374p.

Notas:

Autora

¹ **Josilene PINHEIRO-MARIZ (Prof^a. Dr^a.)**

Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

Unidade Acadêmica de Letras

E-mail: jsmariz22@hotmail.com

² O francês nomeia, primeiramente, o sujeito da frase, em seguida o verbo que é a ação e enfim, o objeto dessa ação: eis a lógica natural a todos os homens. [...] O francês por um privilégio particular, é a única língua que continua fiel à ordem direta; [...] a sintaxe do francês é incorruptível. É de lá que resulta essa admirável clareza, base eterna de nossa língua. O que não é claro, não é francês (RIVAROL, 1930, p. 89-90). (*Todas as traduções são de nossa responsabilidade*).

³ “Ele [‘o método’] é apenas um testemunho das dificuldades ou dos obstáculos sobre os quais o ensino da literatura francesa se depara” (PEYTARD, 1982, p. 92).

⁴ [...] é na ficção literária que a articulação entre a ação e seu agente se deixa melhor apreender e que a literatura apresenta-se como ser um vasto laboratório para experiências do pensamento onde essa junção é submetida às inúmeras variações imaginativas (RICŒUR, 1990, p.188).

⁵ Por que não trabalhar mais as literaturas dos países tropicais africanos ou das Antilhas? As características climáticas e as condições de ex-colônias não seriam semelhantes às nossas? (PINHEIRO-MARIZ e ISHIHARA, 2007, p. 80).